



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rede BBC

Paris-França, 06 de julho de 2009

Jornalista: Presidente, o senhor está indo daqui para a Itália, basicamente para a reunião do G-8, um clube, como o senhor disse, restrito, que não tem mais capacidade de resolver os problemas econômicos. Qual é a sua mensagem para esse grupo restrito do G-8?

Presidente: A mensagem de sempre, porque nós vamos discutir assuntos importantes. Nós vamos discutir a questão da segurança alimentar, que é um tema muito importante se a gente quiser cumprir as Metas do Milênio para 2015, nós vamos discutir a questão econômica, nós vamos discutir a questão climática, nós vamos discutir a questão (incompreensível) multilaterais. Essas discussões são complicadas porque a gente toca no assunto, muitas vezes as pessoas desviam do assunto e não querem discutir profundamente. Mas não é mais possível, não é mais possível as pessoas se esconderem e não quererem discutir a reforma da ONU, não é mais possível as pessoas não quererem discutir a Rodada de Doha. Nós, no final do ano passado, chegamos muito, mas muito perto, ou seja, a bola estava na marca do pênalti quando, por problemas eleitorais, os Estados Unidos e a Índia recuaram um pouco. E eu peço a Deus que a gente consiga este ano ou, no mais tardar, no ano que vem, concluir, porque o nosso ideal é que os países pobres tenham alguma vantagem nessas negociações.

Jornalista: Não é uma contradição o senhor participar de uma reunião do G-8, que é um clube restrito, que não tem (incompreensível)?



Presidente: Nós já avançamos muito e, certamente, nessa reunião vai acontecer a mesma discussão que aconteceu na reunião passada. Nós vamos discutir a necessidade de fortalecimento do G-20 e é importante lembrar que em setembro do ano que vem nós teremos uma outra reunião do G-20. Então, tem muitos países importantes que (incompreensível).

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: E eu acho que o G-20 precisa ser um fórum acrescido de outros países. Essa coisa... Todo mundo se sente importante, todo mundo tem o que dizer, e nós precisamos pegar os países que representam a totalidade da economia mundial. Eu acho que tem que (incompreensível), tem que ter a participação da Organização Internacional do Trabalho. Você não pode ter a OCDE, você não pode ter o FMI, o Banco Mundial, e você não ter quem represente o mundo do trabalho. Agora já está aí querendo participar a Organização Mundial da Saúde. Por quê? Porque a Organização Mundial da Saúde não quer, em hipótese alguma, que nenhum país diminua a quantidade de dinheiro que tem tido na área da saúde. Então, eu penso que nós estamos vivendo uma novidade. Muitos países importantes estão participando. Nós temos uma harmonia, eu diria, muito séria entre os Brics, temos uma harmonia. Resolvemos constituir uma formalização dos Brics. Fizemos a primeira reunião dos Brics, a segunda será no ano que vem no Brasil. O que a gente está percebendo é que nós pensamos muito (incompreensível) da mesma forma, pensamento igual sobre a ONU, sobre a questão econômica. Então, nós temos que tirar proveito, na medida em que nós representamos metade da Humanidade e fazer com que as nossas intenções tenham validade nas discussões de outros fóruns internacionais de que participamos.

Jornalista: Uma última pergunta, ainda (incompreensível) que o senhor tem.



(incompreensível) que o Brasil é (incompreensível)?

Presidente: O Brasil fez o que um país democrático faz e o que um país responsável faz. O Brasil condenou imediatamente, o Brasil tirou o seu embaixador de lá e o Brasil foi para a OEA defender que não se reconhecesse, em hipótese alguma, os golpistas e que a solução comece pela volta do presidente Zelaya ao poder. Afinal de contas, ele foi eleito democraticamente e tem mandato até o final deste ano. A OEA, por unanimidade, tomou essa mesma decisão e agora nós temos que esperar que essa decisão da OEA surta os efeitos necessários para que o presidente Zelaya possa voltar ao poder.

Jornalista: Mas tentam impedir a volta dele. O que fazer agora?

Presidente: Eu acho que era previsível que não iam deixar ele voltar. Era previsível porque (incompreensível) num dia, no mesmo dia o Zelaya tentou voltar. Porque é um direito dele querer voltar ao seu país, afinal de contas ele foi um presidente eleito democraticamente, e nós prevíamos que os golpistas não iriam deixar ele voltar. Agora, aconteceu isso. Agora ele precisa procurar interlocução, certamente não com os golpistas, mas com personalidades, para criar as condições para o Zelaya voltar.

Jornalista: E o Brasil vai ser interlocutor?

Presidente: A gente não se oferece para ser interlocutor. (incompreensível). (incompreensível) ele chamar, mas eu acho que o grande interlocutor tem que ser a OEA. Nós precisamos valorizar essas instituições que nós mesmos criamos para ajudar no fortalecimento da democracia. A (incompreensível) já está altamente comprometida. Todas as decisões foram por unanimidade. Os



Estados Unidos estão com a mesma posição que está o Brasil, que estão os outros países da América Latina. Portanto, eu penso que nós (incompreensível) apenas temos que esperar e nos próximos dias nós iremos encontrar uma solução para o caso de Honduras. O que nós não podemos aceitar é que os golpistas comecem a praticar violência. Ontem já foram dois mortos, e me parece que o povo está querendo que o governo volte a sua normalidade. E eu penso que os golpistas têm que entender isso, que não é possível a gente aguentar mais golpes militares na América Latina. Essa fase nós vencemos na década de 60. Nós, agora... Essa fase do golpismo, nós fomos vítimas dela na década de 60, vencemos alguns na década de 80, agora eu penso que a democracia está pairando no mundo latino-americano. Por isso que é inaceitável qualquer tipo de golpe.

Jornalista: Muito obrigado, Presidente.

(\$31DHJMQ)